

## A SEXUALIDADE DA MULHER NA CONTEMPORANEIDADE

### THE SEXUALITY OF WOMEN IN CONTEMPORARY TIMES

Aline Almeida Silva<sup>1</sup>

Amanda Silva Carrijo<sup>2</sup>

Danilo Marques da Silva Godinho<sup>3</sup>

**Resumo:** A sexualidade é parte essencial na melhora da qualidade de vida da mulher, entretanto, ela ainda é permeada por mitos e preconceitos que dificultam a autodescoberta feminina sobre seus corpos e bem-estar e refletem um discurso conservador carregado de estereótipos que desvalorizam a mulher e as atrasam na conquista de novos direitos. O objetivo principal do trabalho é compreender, através de uma perspectiva histórica de repressão e violência da mulher e seu papel social, como a sexualidade é praticada e vivenciada nos dias atuais, promovendo um maior letramento de gênero e pedagogia referente a temática. Trata-se de uma revisão bibliográfica de artigos e livros físicos e digitais. Em decorrência da análise realizada, foram observados que através das lutas da emancipação feminina, hoje as mulheres possuem uma maior independência sobre seus corpos e vontades, porém ainda é um tema “censurado”, que se mantém através de concepções enraizadas em uma supremacia masculina advinda de discursos históricos repressivos. Entre eles, o esquema de poder masculino, é o principal gerador de perspectivas que silenciam a liberdade sexual da mulher e dificultam a quebra das correntes tradicionais, impedindo a promoção de locais seguros e igualitários.

**Palavras-chave:** Sexualidade feminina. Mulher contemporânea. Papel social.

**Abstract:** Sexuality is an essential part of improving women's quality of life. However, it is still surrounded by myths and prejudices that hinder women's self-discovery regarding their bodies and well-being. These issues reflect a conservative discourse laden with stereotypes that devalue women and delay their progress in achieving new rights. The main objective of this work is to understand, from a historical perspective of women's repression and violence

<sup>1</sup> Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário de Mineiros. E-mail: alinealmeidasilva10.aas@gmail.com

<sup>2</sup> Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário de Mineiros.

<sup>3</sup> Docente efetivo do Centro Universitário de Mineiros.

and their social role, how sexuality is practiced and experienced today, promoting greater gender literacy and pedagogy on the subject. This study involves a bibliographic review of both physical and digital articles and books. The analysis reveals that through the struggles for women's emancipation, women today have greater independence over their bodies and desires. However, it remains a "censored" topic, sustained by notions rooted in male supremacy originating from historical repressive discourses. Among these, the scheme of male power is the primary generator of perspectives that silence women's sexual freedom and hinder the breaking of traditional chains, preventing the promotion of safe and equal spaces.

**Keywords:** Female sexuality. Contemporary woman. Social role.

## INTRODUÇÃO

A mulher tem sido há muito tempo objeto de estudo intrigante por estar sempre em constante processo de "tornar-se" (Beauvoir, 1949). Nesse mesmo sentido, Zanello (2022) explora a peculiaridade humana da abertura ao ser, sugerindo que, desde o momento do nascimento, cada indivíduo está destinado a evoluir, requerendo a influência da cultura para sua formação.

Historicamente, o papel da mulher foi segmentado em dois vieses: o amor e a maternidade. O sinônimo de mulher ideal era aquele que prezava pela virgindade e detinha como triunfo o ato do casamento, neste a paixão não era bem-vinda e o sexo teria função apenas de reprodução. Quanto aos homens, estes possuíam uma autonomia sexual marcada pela poligamia consentida, em que detinham o poder arbitrário de se relacionar fora do casamento. Para as mulheres que não se encaixavam nesse estereótipo de "pureza", eram classificadas como prostitutas ou "solteironas", vistas como fracassadas por não cumprir seu propósito de mulher (Zanello, 2018).

Como finalidade do casamento era necessário a prática da maternidade, e a mulher tinha a função de cuidar e amar espontaneamente seu filho. Badinter (1985) complementa que, devido as mulheres serem vistas como sinônimo de amparo e compaixão, o instinto materno era considerado como parte de sua natureza. Em razão de nascerem com útero, as foi concebida a função de cuidadoras, seja dos filhos, da casa ou de outras pessoas (Zanello, 2022). Após a maternidade, as mulheres eram vistas como potenciais criadoras de problemas

para os homens, já que seu papel primordial seria o de serem mães e não necessariamente ter desejos próprios (Calligaris e Homem, 2019).

É visto que ao longo da história, as mulheres enfrentaram diversas transformações advindas do sofrimento mental causado por limitações de direitos, que vem a refletir sobre os novos papéis na sociedade contemporânea, incluindo os sexuais. Portanto, nessa perspectiva, para falar sobre a sexualidade feminina é necessário adentrar as sombras do presente, refletindo os desafios que o passado trouxe (Agamben, 2014). Dito isso, como a sexualidade da mulher é vista e experimentada atualmente?

## **METODOLOGIA**

A obra utiliza de metodologia qualitativa de procedimentos bibliográficos, fundamentada por artigos e livros, e baseada nos pressupostos de Bardin que se fragmenta em três processos: pré - análise, que aponta a organização dos materiais e sistematização das ideias; a exploração dos materiais, que se refere a um estudo detalhado; e por fim o tratamento dos resultados, inferência e interpretação, indicando o momento de condensação e ênfase nas informações de acordo com os resultados obtidos.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A partir dos estudos realizados, foi observado que atualmente o sexo tem sido objeto de extenso estudo, codificação, medicalização, exposição e avaliação (Roudinesco, 2003). Para a mulher, embora a sexualidade tenha um discurso mais livre atualmente, de independência e escolhas, ela ainda perpassa por uma sociedade apoiada no poder, especialmente o masculino. Swain (2011) complementa dizendo que, o esquema de posse engendrado historicamente age em um apoderamento referente às mulheres, seus corpos e vontades. Este, persiste tanto na ocupação dos corpos das mulheres quanto na questão identitária que o sexo e a sexualidade vêm a efetuar. Desse modo, acaba por trazer um sinônimo de servidão nos papéis, nos desempenhos e nos trejeitos, produzindo uma objetificação do corpo da mulher e reverenciando uma virilidade exacerbada dos homens, encobertos por uma violência velada, em especial à população negra no geral (Zanello, 2018).

Em relação a construção dos papéis sociais da mulher em uma sociedade patriarcal, é visto que se formou através de uma imposição cultural em que a mulher foi retratada como uma figura tentadora, cuja simples presença tornava-se supostamente irresistível aos desejos

sexuais masculinos, resultando em uma narrativa perpetuadora de estereótipos prejudiciais e contribuinte da desvalorização da mulher (Calligaris e Homem, 2019).

Ainda nesse contexto, Calligaris e Homem (2019) trazem que, a sexualidade feminina foi considerada transtorno grave no século XIX, e a psiquiatria curava a masturbação feminina queimando com um ferro quente o clitóris das meninas. Portanto, quando falamos de uma sexualidade reprimida, também falamos de castigos pela manifestação dela.

Desse modo, enquanto o falo masculino é associado ao desejo, e a vagina à fertilidade, parece que a sexualidade feminina fica confinada a espaços como bordéis ou à trajetória de mulheres percebidas como “desviadas” pela sociedade (Calligaris e Homem, 2019). Essa análise ressalta as limitações impostas à expressão sexual das mulheres e as distorções de poder nas relações de gênero na sociedade patriarcal.

Advindo de um intenso período de repressão, Romão (2015, apud Pinsky, 2012) discute sobre uma revolução significativa para as mulheres que começou com a introdução e disseminação dos métodos contraceptivos, redefinindo o conceito de feminilidade ao tornar a maternidade uma escolha pessoal, sujeita a questionamentos. Desde então, observamos um crescente movimento de emancipação sexual feminina, no qual as mulheres lutam para romper com as amarras da coibição sexual, trazendo assim um maior acesso à informação e busca por prazer. Porém, apesar da garantia da concepção, adquirida posterior a grandes esforços, ainda é observado que o direito ao aborto e a decisão sobre o próprio corpo confina a mulher entre ser independente ou apenas um ventre (Swain, 2011).

Calligaris e Homem (2019) destacam que, apesar dos avanços ainda persistem tabus entre homens e mulheres sobre o tema. Quando uma mulher expressa sua sexualidade, enfrenta críticas e julgamentos sociais. Assim, mesmo com a narrativa de independência feminina, vestígios históricos de violência, poder e masculinidade ainda necessitam de reconstrução. Essa reconstrução é fundamental para proporcionar às mulheres uma experiência mais ampla e livre na exploração de sua sexualidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora haja uma maior liberdade discursiva em torno da sexualidade, especialmente em relação à independência feminina e suas escolhas, ainda persistem resquícios do poder masculino e da posse sobre o corpo da mulher.

A construção cultural dos papéis de gênero tem perpetuado estereótipos prejudiciais e contribuído para a objetificação e desvalorização da mulher na sociedade patriarcal. A introdução e disseminação dos métodos contraceptivos marcaram uma revolução para as mulheres, fazendo a maternidade uma escolha pessoal e desafiando a repressão sexual. Apesar dos avanços, a expressão da sexualidade feminina ainda é limitada e muitas vezes enfrenta críticas e julgamentos sociais.

É importante identificar e enfrentar os resquícios históricos de violência, dominação e valores masculinos que moldaram as relações de gênero. Isso implica na reconstrução do discurso sobre a sexualidade feminina e na criação de ambientes que acolham e protejam as mulheres em sua busca por uma expressão sexual livre e segura, para progredir a uma sociedade verdadeiramente igualitária e justa para todas as identidades de gênero.

### AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos nossos pais, familiares e amigos pelo apoio. Ao professor Danilo Marques da Silva Godinho pela orientação e contribuição para a realização deste trabalho.

### REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Tradução: Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: O mito do amor materno**. Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Tradução: Sérgio Millet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

HOMEM, Maria; CALLIGARIS, Contardo. **Coisa de menina? uma conversa sobre gênero, sexualidade, maternidade e feminismo**. São Paulo: Papyrus debates, 2019.

ROMÃO, N. P. **Sexualidade e contemporaneidade: Pesquisa com um Grupo de Mulheres que Frequenta a Noite na Cidade de Juiz de Fora**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, p.120. 2015.

ROUDINESCO, E. **A Família em Desordem**. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

SWAIN, Tania (2011). **Diferença sexual: uma questão de poder**. (Texto apresentado no I Simpósio de Gênero e Literatura da Universidade Federal do Ceará- agosto 2011).

Recuperado em 18 agosto, 2012, de

<http://www.tanianavarrowswain.com.br/brasil/diferenca%20sexual>

VIII COLÓQUIO ESTADUAL DE PESQUISA MULTIDISCIPLINAR  
VI CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISA MULTIDISCIPLINAR  
I CONGRESSO DE PÓS-GRADUAÇÃO DA UNIFIMES

EXPLORANDO FRONTEIRAS:  
INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS NA PESQUISA,  
IMPACTOS NA SOCIEDADE, DESAFIOS E OPORTUNIDADES

ZANELLO, Valeska. **A Prateleira do Amor**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2022.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos**. 1.ed. Curitiba: Appris, 2018.